



DEPOIMENTO

ERALDO SOARES DA PAIXÃO

Em 2003, servidor aposentado da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu os cargos de diretor da Coordenação de Arquitetura e Engenharia, diretor do Departamento de Administração e diretor administrativo.

ENTREVISTADORES:

Glória Varela, Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho, Casimiro Pedro da Silva Neto e Carlos Roberto Maranhão Coimbra.

LOCAL:

Brasília

DATA:

2/9/2003

DURAÇÃO:

1 hora, 46 minutos

TÓPICOS:

Sua entrada para o quadro funcional da Câmara dos Deputados; estruturação gradativa da Caenge; as reformas arquitetônicas da Casa e as construções dos anexos; licitações públicas; projetos da Câmara; relacionamento com colegas servidores e com parlamentares; reformulação de crachás.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Fala para a gente o nome completo, a época em que você entrou para a Câmara e em que circunstâncias. E vamos começar essas histórias todas.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Bem, eu trabalhei na Câmara em duas etapas. Na primeira etapa, em 1961, eu não era funcionário direto da Câmara dos Deputados; eu era telegrafista do então Departamento de Correios e Telégrafos. Trabalhava com teletipo na Central Telegráfica de Brasília. Na Câmara, havia uma agência dos Correios e, não sei por quê, a administração entendeu de me transferir para cá.

Na época, os deputados não tinham gabinetes como têm hoje. Os telegramas, as mensagens telegráficas eram redigidos no plenário, nas comissões, no prédio principal e no próprio balcão da agência dos Correios, que era bem próxima ao plenário. Essas mensagens eram separadas e, ao final do expediente, levadas à Central Telegráfica. Era um trabalho totalmente manual mesmo: nós simplesmente recolhíamos as mensagens e, ao final do expediente, as levávamos à Central para serem transmitidas via teletipo e depois telex – há diferença entre um e outro tipo de aparelho.

Eu, já estando na Agência da Câmara, em 1961, entenderam de aqui instalar uma central telex. Tive a oportunidade de dirigir essa instalação, cumprindo, evidentemente, determinação superior da ECT. Com a instalação da central telex na agência da Câmara dos Deputados, as mensagens passaram a ser transmitidas diretamente daqui, para onde fosse necessário.

Estou falando isso porque tem uma ligação com o meu ingresso na Câmara, uma vez que passei a ter muito contato com parlamentares e funcionários.

No decorrer do tempo, em 1962, foi criada a UnB. Eu tinha interrompido a minha formação – eu tinha me formado antes em Contabilidade, e isso me permitia prosseguir para o ensino superior. Aproveitei a oportunidade da UnB – estou falando isso porque tem ligação com a minha atividade depois, aqui dentro – e fiz o vestibular para Arquitetura. Entrei na UnB para fazer o curso. E fui tocando. Isso ocorreu em 1962.

Em 1964, eu, ainda telegrafista, mas trabalhando na Agência da Câmara dos Deputados, tive oportunidade de fazer o concurso de auxiliar legislativo, no qual fui aprovado. Em agosto, fui nomeado como funcionário da Câmara. Então, a minha efetiva...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Em agosto de 1964.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Sim. A minha efetiva entrada na Câmara dos Deputados como funcionário vem daí. Bem, e continuei com meus estudos de Arquitetura. Não podia fazer os extraordinários. Na época, a Câmara tinha expediente somente à tarde; pela manhã e à noite era trabalho extraordinário, o que ajudava bastante no vencimento da gente. Eu, já casado na época, tinha que me contentar só com o “expedientezinho” da tarde, porque pela manhã estava na universidade e à noite tinha que fazer os trabalhos do curso. Então, só restava a parte da tarde. Mas, graças a Deus, toquei para frente. Aliás, eu fazia, sim, um certo extraordinário, porque, na época, os depoimentos nas comissões eram posteriormente datilografados em laudas e não podiam ter nenhum “errinho”. Às vezes, se fazia uma lauda completa e na última linha tinha um erro... então, estava perdido o trabalho. Então, ganhávamos um extraordinário para fazer esse trabalho.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Você trabalhava em que setor naquela época?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu trabalhava na Seção de Comissões Permanentes. A chefe, se não me engano, era D. Geni Xavier Marques. Trabalhei ainda na Comissão de Economia, que era presidida pelo deputado Unírio Machado. Ele era o presidente da Comissão, e eu fazia a correspondência particular dele. Então, meu início na Câmara foi de autêntico auxiliar legislativo, nas tarefas características ao cargo. Mas, continuando meu estudo, em 1966 completei meu curso. Tenho a satisfação de ter participado da primeira turma de arquitetos da UnB, com quinze formandos. Isso foi em 1966, com todas aquelas crises de invasão de *campus* e não sei o quê. Foi naquela época.

Com a minha atividade aqui na Câmara, a Diretoria-Geral tinha conhecimento de que eu me formara em Arquitetura; acabei indo trabalhar num setor que tinha aqui, chamado Serviços Gerais. Era o que cuidava das portarias. Tinha um setor de eletricidade, um setor de marcenaria, um setor de hidráulica. Mas, tudo isso não era integrado. Então, quando tinha necessidade de fazer um reparo, uma ligação: “Ah, chama o setor de eletricidade”. Então ia lá. Precisava desentupir um esgoto ou colocar uma torneira, “chama a hidráulica”. Telefonia era a mesma coisa. Então tinha o setor de telefonia, o setor de eletricidade... Eu, interessado em desenvolver minha nova profissão de arquiteto, independentemente de ter montado um escritório com outros companheiros, lá fora, comecei a ficar interessado com o que ocorria na Câmara e começava a ver um monte de coisas que queria consertar. Uma delas por exemplo: uma infinidade de gambiarras, de instalações improvisadas, que eram um risco permanente de incêndio aqui dentro. Indo trabalhar nesse setor, pude

começar a dar atenção às instalações prediais. Na medida em que o meu trabalho ia sendo feito, os outros setores iam tomando conhecimento de que tinha pessoa preocupada com isso. Os próprios funcionários desses setores técnicos, hidráulicos, eletricidade, telefonia, começaram a me consultar e passou a haver uma certa ligação até por colaboração. Mas, isso foi se tornando algo efetivamente mais técnico, mais profissional, o que resultou numa coesão, reunindo esses setores de forma mais racional e integrada. E a coisa foi se desenvolvendo de tal maneira... há até um episódio interessante – nós não tínhamos desenhista, não tínhamos ninguém, a única pessoa que lidava com isso era eu – um dia, eu pedi uma prancheta, porque eu fazia os desenhos em cima de uma mesa comum. Então, eu pedi uma prancheta e, depois de uma resistência, foi comprada a prancheta. Então, a primeira prancheta de desenho arquitetônico que entrou na Casa foi a minha, para eu trabalhar. E isso foi crescendo, aumentando a necessidade de serviço. Primeiro, porque as pessoas foram tomando conhecimento da existência de um apoio nessa área. Na medida em que iam tomando conhecimento, iam solicitando, e o serviço ia crescendo. Isso foi se desenvolvendo naturalmente. Esse foi meu início na Câmara dos Deputados e meu início na parte técnica de arquitetura e engenharia.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Mas só havia o Anexo I e o Edifício Principal na época em que senhor começou o trabalho de unificar esses setores?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Bem, na época existia o Edifício Principal; existia o Anexo I; se não me engano, o prédio da garagem, que fica em baixo; o Anexo II, cujo arcabouço havia sido recém concluído, mas não havia a preparação interna; não havia os plenários, as bancadas, nada disso. Então foi feita uma licitação e foi contratado um arquiteto do Rio de Janeiro, o Dr. Renato Sá, se não me engano, porque há falhas na minha memória.

O Dr. Renato Sá projetou as bancadas do Anexo II, que era completamente diferente do que é hoje. O Anexo II já passou por uma reforma que realmente fez melhorar muito o prédio. Quando foi concluído o prédio e houve necessidade de se instalar as comissões, eu tive atuação mais efetiva. Foi aí que o Serviço de Arquitetura e Engenharia da Câmara dos Deputados começou a se desenvolver. Tivemos praticamente que refazer o prédio por dentro. Foram construídos os plenários, principalmente os plenários maiores, que eram da Comissão de Orçamento e da Comissão de Justiça. Fizemos plenários de um módulo, com seis metros de largura, de dois módulos e outros maiores. Foram então instaladas as comissões no Anexo II, depois das obras.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – E onde funcionavam as comissões antes disso?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Antes, as comissões funcionavam no Edifício Principal, na ala onde hoje fica a Primeira-Secretaria.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – A Taquigrafia já foi lá também?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Exatamente. O Departamento de Taquigrafia funcionava ali também.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – E antes disso, como a Câmara se virava quando precisava de serviços de reforma, ela contratava empresas?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ela fazia licitação para pequenos serviços, mas não havia trabalho de fiscalização desses serviços. Para grandes serviços, como a do Anexo II, normalmente a Câmara fazia convênios. Para construir o Anexo II o convênio foi com a Novacap. Mas não havia um setor técnico para acompanhar esses serviços.

O Serviço de Arquitetura e Engenharia foi criado para absorver essas necessidades também.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Começou como serviço?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não, começou como seção. Aquele funcionário que trabalhava nos serviços gerais, que no caso era eu, acabou sendo chamado, em uma reforma, se não me engano na Resolução 20...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – 20, de 1971. Foi criada a coordenação, a futura Engenharia.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Foi criada a Coordenação de Serviços Especiais, com quatro seções. Uma delas era a Seção de Obras, que foi exatamente a oficialização do Setor Técnico de Obras. Na Seção de Obras, os setores de eletricidade, hidráulica etc., foram agregados. A Seção foi-se desenvolvendo, os trabalhos se ampliando. O Congresso teve o número de parlamentares aumentado várias vezes, o que veio gerando necessidades. Anteriormente os deputados não tinham salas, não tinham gabinetes. Com o Anexo II isso foi aliviado porque todas

as comissões tinham gabinetes de presidentes e de vice-presidentes. De certa forma, isso aliviou um pouco para os deputados, que passaram a usar as comissões. Mas eles não tinham escritório.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – O Anexo II não foi feito junto com o Anexo III?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não. Foi construído primeiro o II. Depois – não lembro mais o ano – é que se cogitou da construção do Anexo III para os gabinetes parlamentares. Então, eram os gabinetes como são hoje, mas sem instalação sanitária. Eram aquelas salinhas, aqueles módulos. Não se imaginava esse crescimento enorme que houve. Depois do Anexo III é que, em função do ato... qual foi o ato que você comentou?...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Do pacote de abril do Geisel, 1977.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Em 1977. Aí foi aumentado o número de deputados para quatrocentos e alguma coisa, não sei exatamente para quanto...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Quatrocentos e vinte.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Então, houve necessidade de construção... nós já tínhamos o Anexo III – acho que tínhamos o Anexo III já. Houve necessidade de ampliação do edifício principal... sim... houve nesse meio tempo uma obra para aumentar o edifício principal. Eu volto a falar sobre isso. Mas com esse ato foi aumentado o número de deputados, e em consequência teve de se aumentar o plenário. E houve a construção também do Anexo IV. Com a construção do Anexo III e a sua ocupação com gabinetes de deputados ficou evidenciada ainda mais a necessidade de gabinetes para os deputados. Com a vinda de novos deputados, quer dizer, com o aumento do número de deputados, para onde eles iriam? Então, houve a necessidade de se construir um prédio totalmente voltado para atender aos deputados. Portanto, ele foi construído realmente, se não me engano, com 425 gabinetes de deputados.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Você lembra qual o presidente da Câmara que teve a iniciativa de construir o Anexo IV?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Vou chegar lá. A primeira reforma do prédio principal foi o seu alargamento. Esse prédio foi alargado, se não me engano, em quinze metros. Você pode observar que a cúpula não está centrada, ela não está no meio da plataforma, no prédio atual.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Estaria originalmente?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Originalmente ela era centrada. Então, você pode observar que lá em cima há uma grelha de fora a fora. Aquele painel de azulejo de Athos Bulcão está exatamente na separação. Dali para a frente, se não me engano, são quinze metros. Foi o que se chamou na época de bloco das Lideranças, porque as Lideranças também já não tinham mais espaço para se instalar. Era tudo muito picado, uma coisa aqui outra lá.

Então, cada vez foi mais evidenciada a necessidade de se organizar o espaço, e nós não tínhamos esse trabalho aqui dentro. Isso passou a ser função da arquitetura, como atividade própria, adequada. Antes não se estudava como ocupar os espaços. Era ocupado assim: se “olha, tem uma sala ali, pode ser ocupada, tem uma outra ali, pode se ocupar...”. Então, a partir do trabalho da arquitetura essas coisas começaram a ser estudadas de forma integrada. Evidentemente nós apresentávamos os estudos à direção da Casa, que os submetia à Mesa. E as coisas começaram a ser feitas de maneira mais planejada.

Com tudo isso, esse setor foi começando a crescer e de seção passou à coordenação. A coordenação no início era pequena, mas foi crescendo também. Foram contratados técnicos. Na época, era praticamente só eu, depois foi crescendo, crescendo, e graças a Deus acho que tem oferecido um excelente trabalho à Câmara dos Deputados.

Voltando à construção do Anexo IV, você perguntou qual foi o presidente: foi o Marco Maciel. Ele era o presidente da Câmara à época.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Em 1977, se não me engano. Nesse biênio.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Deve ter sido em 1977, porque a reforma do plenário foi feita no fim desse ano. Esse projeto, como sempre, devíamos pedir a Oscar Niemeyer, que estava na Argélia, se não me engano, e não podia vir ao Brasil. Na época, com os compromissos que tinha, ele não podia vir. E com a necessidade de fazer a reforma do plenário e a construção do Anexo IV, nós tínhamos que pedir o projeto a ele. E o Dr. Luciano Brandão, que era o diretor-geral, se entendeu com Oscar Niemeyer – eles são muito amigos – e, com a aprovação do presidente, foi pedido o projeto a ele. Eu fui buscar esse projeto. Eu trouxe o projeto de reforma do plenário. Já era a segunda reforma. A primeira foi conduzida pelo arquiteto João

Figueira Lima, conhecido como Lelé. E essa segunda reforma foi conduzida por mim, com base no projeto de Oscar Niemeyer.

Nessa época eu trouxe o projeto do plenário e o projeto do Anexo IV. Eu tive de ir lá porque como o Oscar Niemeyer iria adivinhar as necessidades dos gabinetes dos deputados, qual o programa arquitetônico para atender a essas necessidades? Então, esse foi o meu trabalho, o de levar a ele as necessidades para ser melhor atendida essa obra. E com base nisso ele elaborou o projeto.

Eu trouxe o projeto, e foram feitas as licitações necessárias. A primeira parte foi a reforma do plenário, que foi feita no fim do ano. Na época, as obras que interferiam na atividade legislativa, nas comissões ou no plenário, normalmente, nós as segurávamos para fazer durante o recesso, que começava em dezembro e durava de dois a três meses. A segunda reforma do plenário foi feita durante um recesso de três meses. Se não me engano no dia seis de dezembro houve o encerramento da sessão legislativa, e no mesmo dia seis, à noite, eu iniciei a demolição do plenário. Eu tenho fotografias que posso ceder a vocês. Na época era diretor-geral o Aquino. Nós tivemos de trabalhar dia e noite, direto, para fazer essa obra.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Foi grande a obra?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Foi total.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Foi nessa reforma do plenário que houve a criação da famosa tribuna de honra?

O SR. ERALDO SOARES PORTO FILHO – Isso foi anterior, mas eu não lembro exatamente a data. Foi entre uma reforma e outra. A data exatamente eu não tenho registrada.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Alguma vez algum prazo não foi cumprido?

O SR. ERALDO SOARES PORTO FILHO – Eu não tenho memória disso. Posso até dizer que uma vez não foi cumprido: na inauguração do Anexo IV. Esse Anexo teve dilatado o prazo de conclusão mais ou menos, eu não tenho certeza, em dois meses, porque foi criada a construção do túnel de ligação com uma esteira rolante que teve de ser importada da Inglaterra. Foi a primeira esteira rolante desse tipo instalada em um edifício no Brasil, e graças a Deus eu tive a honra de conduzir essa construção. Então, com a construção desse túnel de interligação criada a meio caminho da obra – o presidente à época era o deputado Flávio Marcílio – fez

com que tivéssemos mais dois meses de trabalho. No dia 26 de novembro a obra foi inaugurada.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Fale sobre os problemas que houve para passar a esteira em baixo, pelas vias de redes públicas, e essas coisas.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Houve, mas são problemas técnicos que consideramos até normais. Por isso, quando você perguntou quais as pressões, os problemas, dissemos que consideramos isso inerente à atividade de obra que nem contamos como um problema especial. Contamos só quando alguém pergunta, como vocês estão fazendo. Então, houve de fato esse problema, você lembrou bem. Como se pode observar, o túnel de ligação podia ser plano, mas não é. Ele desce e depois torna a subir, porque tinha de mergulhar por baixo da pista, ele tinha de passar por baixo da pista de rolamento que há em cima. Mas havia outro problema: ele cortava uma rede de águas pluviais de mais ou menos dois metros de diâmetro.. Então eu tive que fazer um cronograma, porque todos os cronogramas que a construtora apresentava não atendiam ao nosso objetivo. Então, eu acabei tendo de fazer esse cronograma dentro das nossas necessidades.

É um prédio de estrutura mista. Ele tem estrutura mista porque foi construído com concreto convencional e com peças pré-moldadas. Tivemos que criar uma central de fabricação de peças. Vocês podem observar a garagem por exemplo, seu sistema de estrutura. Aquilo dali era tudo pré-moldado fabricado fora do canteiro e que depois, com guindaste, era montado. Então, nós tínhamos um esquema de fabricação de peças que exigia a fabricação de tantas peças por dia, o que correspondia a um determinado número de montagem de peças também por dia. E eu tinha um observatório que era a minha sala lá no Anexo I. De lá, apesar de eu ter uma estrutura de fiscalização e acompanhamento específica – inclusive foi contratada uma empresa de assessoramento técnico e fiscalização para isso –, eu via que as coisas não estavam andando bem. E eu exigia diariamente um relatório de produção. Quando chegava o relatório, eu fazia minha anotação no cronograma. E quando atrasava eu dizia para a construtora: “Olha, vocês têm de aumentar a produção dessa peça ou daquela”. Eles diziam: “Ah não, mas está tudo...”. Eu dizia: “Não, não está, não. Se não recuperar, nós estaremos com atraso de tantas peças, o que vai causar atraso de obra”. Então, quanto à fiscalização do Anexo IV, o acompanhamento, volto a falar do seu problema, o prazo. Não podia atrasar um dia, porque, se o fizesse, acumulava com mais um e mais um, e no final como iria recuperar? Era cobrado assim; uma

preocupação normal. E acredito que hoje continue assim. O prazo. Entregar dentro do prazo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Como tudo em Brasília, não é?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Como tudo em Brasília. Mas acaba fazendo parte natural da atividade da gente. E até sentimos falta quando não há esse sufoco.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Pelo visto, as lembranças são boas, não é?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Boas, não tenho dúvida; muito boas. Quando comecei aqui, havia somente o prédio principal, o Anexo I e o Anexo II recém-concluído. Tive oportunidade, graças a Deus, de construir o Anexo III, construir o Anexo IV. E, devido ao deslocamento dos gabinetes para o novo Anexo IV, foi construído o restaurante, que atendeu os funcionários e continua os atendendo hoje muito bem.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Até então não havia restaurante?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Onde o pessoal se alimentava? Ia para casa almoçar?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Sim, ia para casa. Não havia restaurante. Sua construção foi uma luta nossa, mostrada à Administração, examinada pela Diretoria-Geral. Graças a Deus, está aí servindo até hoje. Depois foi o Departamento Médico.

Sinceramente, me orgulho porque sempre me dediquei ao trabalho com muita devoção. Devo ter deixado algumas marcas não muito boas, porque sempre fui exigente. Mas, graças a Deus, creio ter sido um bom trabalho.

Outra grande necessidade era de moradia, independente dos apartamentos funcionais, que são outra parte da história – também há nesse aspecto outra história de sufoco, de prazo. Faltavam moradias principalmente para os funcionários médios e, na época, descobrimos uma área em Sobradinho, hoje Quadra 18, que foi adquirida pela Câmara, onde foram construídas duzentas casas para os funcionários da Câmara.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – A Câmara que construiu aquelas casas na Quadra 18?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Sim, em convênio com a Caixa Econômica, mas com todo o acompanhamento, projeto e fiscalização da Câmara. Hoje não tem mais nada do que foi feito. Cada um foi fazendo sua modificação. A casa construída era básica e cada um foi dando seu toque pessoal.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Como essas casas foram distribuídas? O pessoal se inscreveu em algum programa habitacional?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não posso explicar como foi, porque nunca tive atuação na distribuição. Quem fez isso foi a Quarta-Secretaria. Eles tinham um critério, do qual eu não participei. Minha função era construir as casas, o que foi feito. Creio que cumpriu a sua função.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Além desse projeto, houve outros?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – De construção de moradias para funcionários, no que me recordo, não. Tivemos a construção dos apartamentos funcionais para os deputados. Esses prédios inicialmente foram feitos por convênio com a Caixa Econômica. Por último, já os fizemos diretamente. Um desses prédios, na 311 Sul, foi para atender à nova Legislativa de 425 deputados, se não me engano, e tínhamos que entregá-lo aos novos deputados no início do ano e o prazo que havíamos contratado com a construtora não ia atender. Fomos obrigados a recorrer à solução de adotar procedimentos técnicos de construção que encareceram a obra mas encurtaram o prazo. Adotamos, na época, o que chamamos, em concreto armado, de cura à vapor. É um processo de curta concretagem. É feito um tratamento de vapor, como se abafasse, ou algo assim, com aditivos próprios para o concreto para acelerar a “pega”. Em outras palavras: poder retirar todo o madeiramento de formas num prazo menor e então poder se trabalhar em cima das lajes imediatamente, não precisar esperar o prazo normal, que é de 28 dias. Então, se reduz o prazo de cura do concreto para se diminuir o prazo de construção. Com isso, conseguimos terminar e entregar para os novos deputados que chegaram. Então, os sufocos são esses: prazos e coisas assim.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Fale um pouquinho da Ascade.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Tem dois aspectos em relação à Ascade. Para mim, profissionalmente foi a primeira obra. Eu era recém-formado. A Ascade tinha um terreno na L2, mas estava todo tomado de mato e prestes a perdê-lo. Era uma doação ou algo assim. Nós fomos procurados por Valter Caldas, que era o presidente na época, para encontrar uma solução e fazer um projeto. Ele confiou na gente, e nós fizemos o projeto da Ascade. Graças a Deus é um prédio que está lá até hoje. Tenho satisfação desse projeto, que foi feito em várias etapas. Primeiro, o Edifício Principal, depois, a piscina e finalmente, o ginásio. Foi um prédio que eu tive muito prazer em fazer. Eu me formei em 1966. Aquele prédio deve ter sido construído pouco depois disso, não me lembro exatamente o ano. Foi construído com dificuldade, por etapas. A associação tinha pouco dinheiro. Sempre teve um apoio muito grande. A Diretoria-Geral, o Dr. Luciano sempre nos deram muito apoio. Graças a Deus foi uma obra que me deu muita satisfação.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Durante esse período de decisão de construção de prédios, de setores ou de departamentos, você teve dificuldade com aspectos políticos, de gente que queria fazer, de gente que não queria, de partidos que brigavam por um tipo de construção, outros que brigavam por outros, alguma coisa assim? Por exemplo, eu sei que houve um projeto para o Departamento Médico, que foi um prédio redondo feito pelo Lelé, se não me engano, ou pelo Oscar. Algum tempo depois, o Hamilton chegou a sugerir que fosse feito o Centro de Documentação nesse prédio, e esse projeto foi abandonado pelo custo e porque, no final, com a ocupação do Anexo IV, houve a liberação de espaço para se fazer o Departamento Médico no Anexo III. Então, em alguns momentos você não sofreu influência de pessoas ou de algum partido político na execução de algumas obras?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Graças a Deus eu nunca tive esse tipo de dificuldade, seja de qualquer pessoa, de qualquer parlamentar. Nunca tive. Agora, uma coisa que eu sempre procurei deixar muito claro aos meus superiores e parlamentares – é que cada um tinha que cumprir a sua tarefa dentro da sua atividade. Alguma coisa de rotina, pressão de parlamentar, eu sempre passei muito bem por isso, porque eu deixava muito clara a minha função de funcionário e a função do parlamentar, a nossa obrigação com todo o respeito. Ele dentro de sua autoridade e eu na minha de funcionário. Eu sempre considero o seguinte: você não é funcionário de parlamentar a, b ou c, você é funcionário da Câmara dos Deputados, para servir a todos com igualdade de condições. Então, partindo desse princípio, você isola qualquer tipo de influência. Claro que houve uma ou outra pretensão, mas nós

sabíamos conduzir, às vezes até dizendo não, mas o “não” também faz parte da sua habilidade funcional. Então, nunca tive problema.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – A manutenção ou reforma de apartamentos funcionais de deputados ficava a cargo de seu setor também?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Inicialmente, não. Desculpe-me se eu tiver alguma falha de memória. Nós tínhamos um setor de Habitação – hoje eu não sei como é – que cuidava disso, contratava. Só mais tarde é que passamos a atuar, mas não diretamente saindo para fazer serviço. Foi criado nesse setor de Habitação um apoio para cada local de habitação. Quando era um serviço maior, era feita a licitação. Só coisas de maior porte. Eu me lembro, por exemplo, da instalação de sistema de aquecimento solar – aí nós entramos diretamente para especificar, para fazer concorrência – mas essas reformas de unidades de apartamentos, não, isso era contratado.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Tinha só que administrar alguns desejos estranhos?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – É aí, exatamente, que entra o trabalho profissional. Eu sempre olhava a nossa atividade no atendimento ao parlamentar, que eu não tinha de atender o deputado a ou b mais 425 deputados. Então eu criei certos critérios de atendimento. Porque sempre é solicitado alguma coisa. Todo mundo quer personalizar. Então, eles diziam: “aqui eu quero colocar uma porta laqueada, ali um espelho.” Então, nós criamos certos critérios, evidentemente com a aprovação superior, em que foi gabaritado como deveria ser cada gabinete. Então não era uma coisa rígida, mas as modificações seguiam um determinado padrão, um determinado limite. Não adiantava fazer modificações no gabinete que, em seguida, outro deputado ia achar bom e querer igual. Então, por isso, nunca olhei como um atendimento individual, mas um atendimento de todos. Porque na hora em que se faz uma coisa para um, aí, até influenciado por outras pessoas, eles querem também. Então, nós entendíamos que não podia ser assim, tinha que ter um padrão de atendimento a todos. As modificações que não descaracterizassem poderiam ser feitas. No setor específico nosso, a seção tinha determinada liberdade. Além daquele ponto ela já recorria ao superior. Quando chegava a mim, se era uma coisa que estava nos padrões, tudo bem; se era uma coisa que passava daqueles padrões que nós criamos, eu levava ao meu superior, chegando até a Diretoria-Geral com o alerta: “Olha, se atender este, vamos ter que atender mais quatrocentos e tantos.” E a Direção então decidia. Graças a

Deus sempre foi assim e funcionou perfeitamente. Se não... cada um quer fazer do seu jeito: “Não, aqui eu quero um acabamento colonial, quero tapete rajado...”

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Teve alguma moda específica que alguém pediu e todos foram atrás? Uma determinada mudança, uma determinada reforma que tenha virado moda em todos os gabinetes?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não, porque, como eu disse antes, nós não abrimos a chance de descaracterizar o ambiente. Foram pequenas coisas, uma porta para ali, uma porta para cá...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Foram mudanças funcionais.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Exatamente. Objetivando mais o atendimento de trabalho, não em termos de moda, de mais bonito, de menos bonito. Nada disso. Era o atendimento de funcionalidade sem descaracterizar. A nossa atividade chegou a tal ponto que tivemos de desenhar móveis. Eu não sei se ainda hoje as mesas que desenhamos continuam como padrão.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Elas continuam como padrão mas estão sendo substituídas por móveis também desenhados pelo Setor de Arquitetura.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Então, ótimo. Mas isso começou com a gente. Era uma guerra terrível nas concorrências. E como é que a gente ia escolher um modelo diferente? Nós dávamos as características – tem que ter tantas gavetas, tem que ter tal tamanho –, mas cada empresa apresentava suas soluções, e na hora do julgamento era muito difícil. Então, nós entendemos também que tínhamos de gabaritar o mobiliário. Então, nós abordamos também este aspecto. Eu ia esquecendo de falar isso: mobiliário. Nós passamos a desenhar, a especificar, a dizer em que madeira tinha que fazer, qual o acabamento e, na concorrência, nós distribuimos as plantas com todas as especificações: se era cromado, se tinha parafuso, se tinha encaixe. Com isso, todos os concorrentes na área de mobiliário tinham uma coisa só. “Ah, o meu é mais bonito, a madeira do meu é melhor”. Não tinha isso. Era aquilo que especificamos. Então, o que nós íamos verificar nas concorrências era preço, qualidade do acabamento e execução. Aí sim, tinha diferença.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Nem o *design* era dos fornecedores?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu me lembro que tinha uma empresa, se não estou enganado, a “L’Atelier” – não sei nem se ainda existe, foi uma grande

fornecedora aqui para a Câmara –, que me propôs comprar o nosso projeto. Por que ele queria comprar o projeto? Para ele ser fornecedor único ou para ele acabar com o projeto e querer impingir o móvel deles? Eu disse: “Não, muito obrigado. Estamos muito lisonjeados, mas o projeto é da Câmara dos Deputados para fornecer para todos vocês, não precisa comprar o projeto.” E graças a Deus está aí. E a notícia que você está me dando é que a coisa continua e que está evoluindo para o melhor. Ótimo! A obrigação natural do comércio é realmente forçar, vender as suas coisas: “O meu é melhor, o meu é mais bonito, o meu dura mais”. E todo mundo vem com essa conversa.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Hoje também os órgãos daqui estão comprando por licitação móveis que foram desenhados por eles. São modulares, que se chamam baias, exceto para aqueles lugares onde a baia não fica bem. Mas na Casa, inclusive no Anexo I também. Estão tirando aquele tanto de mesas desenhadas ou compradas. São estações de trabalho. No Anexo II mesmo está tudo assim.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu acho que isso está certo. Tem que evoluir, tem que mudar, tem que acompanhar as coisas. Antes nós não tínhamos computador, agora o computador é igual a radinho de pilha, em todo canto tem computador. Isso não existia. Então, o mobiliário tem que acompanhar isso. Acho que está certo. Agora, nós não podemos é voltar atrás e nos submetermos ao mobiliário que eles querem nos vender. Nós temos que criar o mobiliário que precisamos comprar e não ficar subordinado ao fornecedor a, b ou c. “Olha, nós queremos isso, isso e isso. Você pode fornecer?” Então, cada um que faça o seu protótipo, mostre a sua qualidade, o seu preço. Isso é importante para você não ficar amarrado, subordinado ao fornecedor, que gera mil e um problemas. Essa área de móveis, eu não tinha falado, foi bom até tocar no assunto.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Fale um pouco também sobre a reforma do Anexo I.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Olha, foi uma boa lembrança. Eu estou falando muito aqui porque vocês me provocam, mas eu não gosto de falar muito, não, porque quando eu falo, eu falo demais. Então, o Anexo I, que você lembrou bem, Carlos Henrique, é uma obra da maior importância que a Câmara dos Deputados já fez e pouca gente sabe. O Anexo I era um dos prédios mais perigosos e de maior risco de incêndio que existia em Brasília. Não tem acesso para escada Magirus, e é um prédio muito alto, tem dificuldade de acesso, pela rampa não tem

condição, embora o espelho d'água seja raso, mas é uma dificuldade muito grande, pelo lado do Senado também há dificuldade. E a altura!? E sem rota de fuga, como chamamos. Não tinha condições de fuga. Era uma coisa que sempre batíamos que precisava reformar. “Reformar, reformar, reformar...” “Como?” Chegou uma hora que se entendeu que precisava realmente reformar. Fizemos um plano de reforma. Essas coisas meio loucas, mas o profissional sem desafio, não sei, fica um negócio inosso. Então, tem que ter desafio. Então, o nosso desafio era transformar o Anexo I num prédio seguro. Agora, onde íamos colocar os funcionários enquanto fazíamos isso? Não tinha lugar. Então, a nossa proposta: quem vai sair primeiro do prédio somos nós. Então, dois pavimentos ou três que ocupávamos na época, foi aprovado o nosso plano, que era desocupar os três primeiros pavimentos, começando por nós. Construímos um barracão, onde hoje é entre a Biblioteca e a atual Taquigrafia. Foi construído um barracão, onde foi instalado todo o nosso setor técnico. Com isso, esvaziamos três pavimentos. E começamos a fazer um rodízio. Então, o prédio foi totalmente demolido em termos de alvenaria. Foi retirada toda a alvenaria. Foi retirada toda a tubulação elétrica, telefônica, hidráulica, tudo, tudo, tudo. É um prédio totalmente novo. Ele ficou só na estrutura. Mas isso por etapas. Então, não deu nem para perceber. O prédio tem laje dupla e tem um espaço de aproximadamente, não lembro agora, mas talvez de uns 50cm a 60cm, entre o que chamamos de laje de forro e a laje do piso do pavimento de cima. Bem, entre essas duas lajes existia todo o madeiramento da época da construção, toda a madeira de forma, que é um material altamente combustível. “Mas por que é que deixaram isso?” Deixaram, por dois motivos. Primeiro, porque é uma técnica que se chama “caixão perdido”. Não compensa tirar aquela madeira. A mão-de-obra para tirar aquilo não compensava. Segundo, perda de tempo e, na época, não podia perdê-lo. Tinha essa madeira. Uma madeira seca, ressecada, tábuas de pinho. Isso tudo foi retirado. Ele trabalhava deitado, arrancando aquela madeira e passando pelos buracos das luminárias. Essa madeira foi toda retirada. O nosso projeto previa divisórias resistentes a fogo – incombustíveis não tem – resistentes ao fogo, pavimentação resistente a fogo, pintura resistente a fogo, colas – não resistentes, mas auto-retardantes. Elas retardam, não queimam como uma cola qualquer, elas cortam o avanço do fogo, dando tempo de fuga. Então, foi-se tirando todo o piso, toda a alvenaria, todas as tubulações, tudo, porque existia... Foi um dos meus trabalhos iniciais aqui: acabar com as gambiarras. Então, todos os pavimentos tinham ligações pelas paredes, aqueles fios e tudo. Tinha outra coisa: cortina. Então, todo mundo queria ter cortina. Então, cortina era o quê? Cortina era uma língua de fogo, queimava uma aqui, passava para a de cima e ia para todos os pavimentos. Então, criamos o quê? Persianas também resistentes ao fogo. Foram retirados todos os tapetes. Foram retiradas todas as cortinas. Foi

instalado lá na cobertura um sistema de pressurização. Numa emergência de fogo, esse sistema é acionado. Acredito que esteja em funcionamento, porque uma das coisas que eu sempre coloquei aqui é que “não basta fazer, o principal é manter a coisa funcionando”. Então, foi instalado lá um sistema de pressurização, uma ventilação que força... Além da construção, nas escadas, da câmara de fuga [antecâmara pressurizada]. Tem uma antecâmara ali, como tem no Anexo IV. Mas não tinha aqui, você abria a porta e já entrava na escada. Então, foi criado um pequeno *hall* e instaladas portas que chamamos de portas corta-fogo. Elas são resistentes à propagação do fogo. Com essas câmaras e com a pressurização, o que objetivávamos? Garantir fuga. A pessoa entrou ali, já sabe que a pressão não permite que a chama entre, e pode descer a escada, além das condições em todos os pavimentos de não propagar, pelo menos retardar: a cola, o mobiliário todo de aço... Então, com isso fomos fazendo esse revezamento de pavimento e fizemos o prédio todo sem tirar ninguém lá de dentro. Os últimos que foram para lá fomos nós. Aí acabamos com o nosso barracão e fomos ocupar um pavimento reformado. Nessa obra, evidentemente, tivemos todo o cuidado de consultar o Corpo de Bombeiros. Durante a fase do projeto, tudo que nós projetamos submetemos a ele, foi objeto até de elogio numa revista – devo ter isso guardado – do Corpo de Bombeiros, que elogiou a reforma que nós fizemos. Além disso, lá na cobertura, foi criado um ponto de aproximação de helicópteros. Não tinha. Chama-se heliponto. Ele não precisa largar o peso em cima da laje, mas pode se aproximar para prestar socorro. Em toda a periferia lá de cima tem ganchos próprios para descida através de corda. O bombeiro pode atar as cordas lá e descer – como fazem hoje, de rapel – perfeitamente pelas empenas. Empenas são as laterais do prédio. Então, essas condições vieram dar ao Anexo I... Hoje eu considero um dos prédios mais seguros, porque ele não facilita... Tapete? Acabamos com os tapetes. Tapete, na época, só na Diretoria-Geral, 3º andar. As cortinas foram substituídas por persianas metálicas, que também não propagam o fogo. Então, hoje é um dos prédios mais seguros. Tem sido – pela última vez que estive lá – muito bem mantido, está tudo direito. É um dos melhores prédios públicos que temos em Brasília, que eu considero.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Chegou a existir alguma ameaça de incêndio, algum princípio de incêndio antes dessa reforma?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Chegou, mas coisa muito pequena e, evidentemente, graças a Deus, as providências que nós tínhamos tomado de prevenção funcionaram. Foi a reforma das esquadrias antes dessa grande reforma que foi feita, inclusive com a instalação do sistema de ar-condicionado. Uma coisa que desagradava muito ao Oscar Niemeyer – e tinha razão – é que nós tínhamos uma

verdadeira exposição de aparelhos individuais de ar-condicionado, que também era um grande veículo para o fogo – curto-circuito, coisas assim. Então, era tudo cheio de aparelhos de ar-condicionado. Então, através do que antes era a tubulação de lixo – descarregava lixo pela tubulação –, levamos as tubulações de ar-condicionado. Acabamos com a descida de lixo por ali, e então foram instaladas as tubulações de ar-condicionado, que é levado a cada pavimento, feita a distribuição, e acabamos com os aparelhos de janela, que eram pontos de fogo. Mas, voltando ao princípio de incêndio, ocorreu numa reforma já bem anterior de esquadrias – raspar, pintar e tudo. Com isso, houve um princípio de incêndio. Mas nós trabalhamos, primeiro com uma equipe de bombeiros já alertada para o caso; segundo, extintores de incêndio próximos da área em que se trabalhava com solda. E foi através de um aparelho de solda que começou o incêndio, imediatamente dominado pelo próprio pessoal com extintores e pelos bombeiros, em seguida, em cima também. Foi coisa de pequena monta que não teve repercussão. Muito pequeno. Foi numa época antes da reforma. E com a reforma, esse prédio é excelente.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Essa reforma demorou muito tempo?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não lembro mais quanto tempo foi. Tem registro, mas eu não lembro mais. Tem registro na... Deve ser coisa talvez de dois anos. Mas você pode confirmar lá, verificar. Eles devem ter algum registro. Foi uma obra muito boa.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Nessa obra teve um acidente fatal num dos elevadores externos.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Um elevador de obra parece que...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Lembra desse fato...

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu não lembro detalhes, mas realmente houve. Um elevador de obra acho que despencou... Não lembro mais...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Aquelas gaiolas externas?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – É. O elevador foi colocado nessa empena oeste, a que fica voltada para o prédio principal. Mas não lembro detalhes desse acidente. Acho que foi problema de operação do elevador. O sujeito errou na

operação lá e tinha operário na... E tem normas rígidas nisso. Mas aí entra segurança do trabalho, uma área específica que... Não lembro detalhes.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Vamos lembrar momentos engraçados e agradáveis da relação da equipe naquela época. Como é que era o pessoal? Como é que se dava? O que acontecia de interessante? Como é que... Conta um pouco disso.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Carlos, a pergunta é interessante, mas eu sempre trabalhei com tanta... Apesar da minha aparência assim um tanto fechada – as pessoas sempre dizem: “O Eraldo é fechado” –, mas não é fechado, é a minha natureza. Mas eu me comportava como sempre me comportei de uma maneira tão espontânea, seja no zangar, seja no exigir, seja no elogiar, sempre da mesma maneira, que tudo para mim passou sem destaque especial de algum momento. Brincávamos, fazíamos as molecagens naturais de convivência e a coisa fluía muito bem. Graças a Deus, eu sempre tive um pessoal muito dedicado, muito fiel. Era muito irmanado. Então, fluía muito bem, inclusive as molecagens e brincadeiras como ele está lembrando aí.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Que brincadeiras eram essas?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ah, não lembro assim. Eram do momento, caricaturas que se fazia, gozações. Eu tenho até algumas dessas.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Essas caricaturas iriam ficar bem numa exposição.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu tenho algumas...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Eu lembro de uma coisa que um dos arquitetos aprontou para o Eraldo. Eu não sei se ele lembra disso. Mas o Eraldo falou que ele era um pouco sério e que todo mundo o conhecia. Tinha um dos fornecedores que chegou procurando o Dr. Eraldo e perguntou se esse arquiteto, o Eurico, era... “Não, não, ele está dentro dessa sala, mas o senhor quando entrar lá, fale alto porque ele é surdo”. E depois ficamos esperando para ver a reação. Não sei se você lembra disso.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não, não lembro. A coisa fluía naturalmente. Então, nunca marcou assim como uma coisa especial. Eram normais, naturais essas brincadeiras. Fluía bem a coisa.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Temos uma referência de que para assumir a chefia desse setor, o senhor teria de abandonar suas atividades extra-Câmara. Claro que o senhor não se dispunha a isso naquele momento. E que ninguém assumia a chefia do setor porque todos achavam que o seu nome era o mais indicado para assumir esse posto.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – É, ocorreu algo assim. Mas depois com a dedicação e o próprio entrosamento de todo o pessoal, eu acabei, aos poucos, me afastando da atividade particular e acabei me dedicando só à Câmara mesmo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – No total, foram quantos anos aqui na Câmara?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – De 1964 até 1991. São quantos?

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – 27.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – 27 só na Câmara. Ainda deixei emprestados dois anos e meio de licença-prêmio, porque a atividade principal, o sufoço era no recesso. Aí eu não tirava recesso, não tirava férias e ia ficando envolvido. A gente se envolvia realmente e vibrava com as coisas, fazia trabalho à noite. Eu sinto que a Câmara mudou muito, mas aquela Câmara em que eu trabalhei eu costumo dizer que era a “mãe Câmara”, porque realmente nós tínhamos... Na época, eu me lembro até de um elogio do deputado Ulysses Guimarães, que, referindo-se ao nível do funcionalismo, destacou o Banco do Brasil, o Itamaraty e a Câmara dos Deputados. E realmente o nível do funcionário da Câmara sempre foi uma coisa... Tínhamos muita satisfação de dizer que éramos funcionários da Câmara. Sabia-se que era através de concurso, que este concurso era rigoroso, era valorizado. Então, isso nos enchia de muito orgulho. Eu sinto que hoje a coisa mudou bastante. E eu me lembro que isso começou a mudar muito quando foi criado o Secretariado Parlamentar. Eu me lembro até uma vez o Dr. Sabino dizer: “Vamos acabar com o funcionalismo da Câmara por causa deles”. Nessa conversa, eu disse que o funcionário da Câmara não é funcionário do deputado, é funcionário da Câmara dos Deputados para servir os parlamentares indistintamente. A partir do momento em que se criou o secretariado parlamentar, ele passou a ser funcionário do deputado. Então ele não tem a preocupação do funcionário da Câmara – é a impressão que eu tenho – de exaltar a Câmara. A preocupação dele é o deputado. E já a preocupação do funcionário da Câmara é o deputado, mas no contexto da Câmara dos Deputados, não o deputado destacado, o deputado a, b ou c. Então, eu tenho a impressão

de que essa visão vem deteriorando um pouco o funcionalismo. Não sei se eles concordam, mas eu sinto isso um pouco.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Não, acho que não. Os concursos da Casa são ainda rigorosos e a qualidade...

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ah, sim. Você acha que não afetou o funcionalismo em si?

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Não afetou os funcionários. É um trabalho a mais que ele tem para se virar, porque eles realmente estão vinculados aos deputados, trabalham para os deputados. O trabalho deles é fazer a parte política. Mas na hora em que precisam da Casa, eles têm as normas, as regras que tinham na sua época e continuam existindo. “Dá para fazer isso para o deputado?” “Não dá”. Hoje surgiram coisas novas, pelo que tenho visto. Um deputado queria reformar o gabinete e o fez do próprio bolso, colocou coisas diferentes, fora do padrão utilizado pela Casa.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Fazem isso hoje?

O SR. SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Foi feito. Esse deputado fez com material diferenciado do que a Câmara usa. Aí começou a chegar pedido, foi explicado e não foi feito para os outros.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ah, bom.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Só que ele mesmo fez o dele.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Mas não podia. Mesmo o próprio deputado, qualquer coisa que precisava mexer...

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Não, ele mexeu dentro dos padrões, com acompanhamento, só que, com recursos dele, colocou armário diferente onde foi autorizado a colocar e tal. Fica difícil o serviço.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Você imagina se uma coisa dessa é disseminada. Então, cada um faz um gabinete de um estilo, vem uma nova legislatura, mudam os deputados, os gabinetes. A pessoa chega lá e encontra aquele negócio... Não tem condição.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Ele não chegou a mexer naquela coisa básica, a estrutura. Depois, quando sair, ele repõe. O piso já estão estudando, estão mudando aos poucos, tirando o carpete e botando outro material, acho que Paviflex, eu não sei os nomes técnicos, mas algo de qualidade que fique mais fácil. Há problemas constantes de pessoas com alergia.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – É, isso pode acontecer. Mas o Paviflex acho que não tem problema. É questão de...

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Eu não sei qual o nome. Sei que estão botando algo diferente de carpete.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – É, se estabelecer umas especificações, não vira um festival, porque realmente o carpete pode provocar isso, embora, particularmente, não acredito muito em alergia de tapete e de cortina. Eu lembro bem, eu tenho dois filhos, e um deles teve problemas assim – hoje o mal está superado. Ele dizia: “Tem de tirar o tapete, tem de tirar a cortina...” Eu nunca aceitei isso. E acabou se tratando sem... Eu depois tirei por insistência de minha mulher, mas quando ela insistia eu dizia: “Quando ele vai ao cinema, vocês mandam tirar o tapete antes? Ele volta doente?” “Então, o problema não é esse. Mas tem gente que pensa que o tapete faz mal. Se não for limpo é capaz de fazer mesmo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Eraldo, com tanta obra, com tanta correria, com tanta pressão de tempo para terminar a obra, teve tempo de o senhor prestar atenção no processo legislativo, no processo político, de acompanhar todos os fatos e episódios importantes que esta Casa viveu ao longo desse tempo todo?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Eu não sei se o suficiente, mas acompanhava. Inclusive, tinha uma coisa muito interessante. Na época – pelo menos no início – nós tínhamos parlamentares aqui que eram maravilhosos em termos de pronunciamento, falavam muito bem. Então, às vezes até parava e pedia para aumentar o som para ouvir um discurso de gente que realmente entusiasmava. Mas, mais claramente quanto ao acompanhamento dos acontecimentos, normalmente acompanhava não com maior destaque, mas sabia as coisas que estavam acontecendo, mesmo porque sempre lia jornal e ouvia os comentários aqui dentro. Eu acho que dava para acompanhar normal, sem... Não era o objetivo, por estarmos aqui dentro, de acompanhar mais de perto isso ou aquilo. Não era o objetivo. Acompanhava como faço até hoje, leio os jornais, vejo as coisas e tudo. Dá para acompanhar assim.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Na sua opinião, qual foi o fato histórico mais marcante que aconteceu aqui na Câmara nesse período em que o senhor trabalhava?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Acho que foi na época do fechamento da Câmara.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Mas o senhor se lembra de algum fechamento especificamente? Porque a Câmara foi fechada algumas vezes.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ah, eu me lembro de histórias que foram contadas na época. Não sei até que ponto eram verdadeiras, mas o falecido deputado Amaral Netto, chegando na Câmara pelo Salão Branco – não sei da veracidade disso – abordado pelos militares, pegou a carteira, rasgou, jogou no chão e, depois que entrou, foi na Diretoria-Geral e pediu outra carteira. Acho que o mais marcante foi esse mesmo. Depois... qual foi o outro...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Providências para as posses.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Ah, isso sempre é um corre-corre. E em especial o atendimento à televisão. Nessa época, o atendimento às emissoras de televisão sempre deu trabalho, sempre nos entendemos, mas sempre nos deu trabalho.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Que tipo de trabalho? Tem que preparar alguma coisa especial?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Tem, sim. Hoje, não sei, talvez esteja melhor organizado, mas naquela época... primeiro, porque a televisão teve uma explosão muito grande, em termos de cobertura, de equipamentos. Então, foram surgindo equipamentos novos de televisão e de repente a gente tinha que dar apoio para eles na parte de eletricidade, por exemplo. Você não podia, de repente, o que nós chamamos de carga elétrica, de repente, se atender a uma demanda de carga muito acima daquela possibilidade que tínhamos, e às vezes éramos obrigados a acionar a CEB para nos dar apoio. Mas isso era muito rápido porque o próprio trabalho da televisão é também muito agitado. E de certa forma nós também éramos rebocados nesse agito para atendê-los. Mas graças a Deus conseguimos atender bem. Nunca houve maior problema. Era só o corre-corre. Mas passava a ser uma coisa normal. A gente já sabia e dizia: “Olha, vai ter coisa aí.” E pronto.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Eraldo, até hoje a limpeza da Câmara e do Senado tem uma linha divisória. E isso me parece que vem de muito tempo atrás. Então, eu queria que você tentasse identificar para a gente se naquela época também já era assim, se isso já vem antes da sua passagem por esse Setor. Como é que foi?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Olha, acho que já vem de antes. Você quer ver uma coisa? Eu me lembro, não de nossa parte, mas a equipe técnica de lá e a equipe técnica da Câmara sempre nos entendemos sem maior aproximação, mas sempre nos entendemos. Tanto que quando nós fizemos a reforma do Anexo I, nós sabíamos que o Anexo I do Senado não reformado, de qualquer maneira era um perigo constante para o nosso Anexo I, como o nosso para eles. Então, oferecemos todo o nosso projeto, colocamos à disposição deles, que poderiam usar à vontade. Acho que não usaram plenamente, com o mesmo rigor da Câmara, mas oferecemos. Estou dizendo isso para mostrar que sempre existiu algum tipo de colaboração. Mas que tem alguma coisa, tem. Como você falou, até na limpeza tem alguma coisa diferente. Não sei por quê. Eu procurei nunca dar a menor atenção para esse tipo de coisa, tanto que quando precisamos na época de mexer na cobertura, trocar pavimentação porque tinha infiltrações, eu me lembro que conversamos com o Senado, houve entendimentos. Na época, era o senador do Maranhão, Alexandre Costa. Eu me lembro que um dia ele mesmo me ligou chamando para ir ao seu gabinete. Eu fui ao diretor-geral, na época era o Alteredo. E fomos lá saber o que era. Eu não ia sem a ciência do diretor-geral. Ele ligou para mim direto, mas eu tinha que ir ao diretor-geral. Aí o diretor-geral foi comigo, eu fui acompanhando ele. E lá era para discutir problema de obra conjunta. Então, havia na época uma certa... E ele até acabou optando pela solução que eu apresentava e não a que a equipe dele apresentava. E acabamos discutindo o assunto em conjunto. Então, havia entendimento, na nossa área sempre houve. Mas no comportamento geral há um “quezinhos” que eu não sei exatamente como. Mas em nossa área havia colaboração.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E alguma coisa que a gente não perguntou, você acha que é importante incluir em nossa conversa?

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não. Primeiro, minha memória não é grande coisa e eu não me lembro de nada mais especial, não.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Então, só para terminar, fala uma grande alegria que você teve aqui dentro e uma grande tristeza.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Uma grande alegria que eu posso dizer foi o fato de eu ter participado de um concurso que sempre foi rigoroso, ser aprovado e entrar para a Câmara dos Deputados. Para mim sempre foi um orgulho ser funcionário da Câmara dos Deputados. Então, isso para mim foi uma grande alegria. E a grande tristeza, eu prefiro nem comentar porque está relacionado à amizade e eu prefiro não mexer nesses ossos.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Deixar no armário.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Mas a grande alegria foi essa. Eu costumo dizer a “mãe Câmara”. Eu sempre tive muito orgulho da Câmara.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Então, só nos resta agradecer a sua presença, a sua participação no projeto.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Obrigado. Vocês me honraram com esse convite. Eu pensei que já nem lembravam de mim.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – O senhor estava numa relação da comemoração pelos 180 do Poder Legislativo do Brasil. Os servidores estão contando suas histórias aqui, sejam relacionadas com o Legislativo, sejam até na própria atividade comum. E seu trabalho fez a base de toda a Câmara. Isso é a história. O cara pode mudar a pintura, uma lâmpada, algum negócio, mas a base está aí feita.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Olhe, coisas mínimas que a gente dava atenção, e tenho quase certeza de que continua agora. Essa época, por exemplo, agosto, é pré-chuva. Era rotina, acredito que seja até melhor hoje, nessa época, uma geral em todo o sistema de esgoto pluvial da Câmara dos Deputados. Todo ralinho, folha que cai, era feito sempre nessa época uma geral de tudo. Tudo. Tanto que nunca tivemos problemas de entupimento, de inundações. Para não dizer que nunca tivemos, tivemos, sim, no Anexo II, mas não foi problema nosso, não, foi problema da galeria da Novacap. Nos Anexos II e III foi isso, mas foi problema da galeria deles.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – A respeito do que você falou do secretariado parlamentar, teve um depoente aqui que disse que essa ligação entre o parlamentar e o servidor, esse gigantismo aconteceu com a construção do Anexo IV.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Não, não tenho dúvidas que foi.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E aí o deputado fez o seu *staff* e se afastou completamente do servidor e nós ficamos completamente desprestigiados por conta disso.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E mais, o esvaziamento do plenário. Credita-se ao Anexo IV o esvaziamento do plenário.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Mas antes era o inverso. O deputado era um “sem-teto”, vamos dizer assim. Ele não tinha onde ficar. Ele ficava nas comissões. Então, o presidente de comissão tinha um gabinete que servia na realidade para atender os colegas dele. Eram assim as comissões, era o inverso. Agora com o IV é o contrário, ele passou a ter o seu teto e deixou o plenário para lá. Tinha deputado que fazia a correspondência dele dentro do plenário. Sentava ali, botava a pasta e fazia a correspondência dele.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Roberto Maranhão Coimbra) – Era interessante, que ali tinha troca de informação. Você entrava no gabinete da comissão na hora em que não havia trabalho em Plenário, tinha quatro ou cinco deputados conversando. Então, se trocava muita informação. Com a divisão dos gabinetes ficou tudo muito separado.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Isso. Perfeito. Quando eu falei o assunto do secretariado, não é nenhum preconceito com o secretariado, não, é uma atividade necessária. Mas eu acho que há necessidade de se criar uma forma de o secretário não se sentir do deputado, mas da Câmara, do órgão.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Teria que mudar a legislação. Como ocorre no Senado, em que todos são funcionários concursados. No Senado é o chefe de gabinete do senador, ele traz menos gente para trabalhar com ele. A Câmara não tem ninguém. Quer dizer, ela tem o adjunto parlamentar, e não tem para todos os deputados. Não se fez mais concurso. Os poucos que ficaram, se espalharam pela Casa, saíram da vinculação com o deputado.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Exatamente a solução eu não sei, mas acho extremamente importante, não só na Câmara, em qualquer setor, que você se sinta da empresa, não do fulano a ou do fulano b. Então, a empresa é que é o importante. Então, o que é importante aqui? O importante é o Parlamento, a instituição, o parlamentar faz parte por consequência. Então, é esse sentimento que não pode se diluir, não pode se perder. Mas a forma é realmente um negócio complexo. Quando você me perguntou uma grande alegria, eu citei qual foi a minha grande

alegria aqui. Por quê? Porque eu abracei a Câmara. Então, esse sentimento é que eu acho que não pode se perder. O funcionário tem que ter orgulho, seja na Câmara, seja numa empresa, ele tem que ter esse orgulho, vamos dizer, essa satisfação, essa alegria. Quando vai para a Câmara, vai com prazer, vai com satisfação. “Ih, eu tenho que trabalhar.” Não é isso não. Então, eu acho que isso é importante. E nós sempre tivemos isso aqui, essa satisfação, esse orgulho. Tanto que, no meu caso...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Em qualquer nível.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Em qualquer nível.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Isso na época era bem claro.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – A propósito, vou dar um exemplo de como eu encaro essa coisa. Uma das tarefas que tive aqui em determinada época – inclusive quem me ajudou foi o Carlos Henrique – foi reformular os crachás de identificação. Você perguntou se eu lembrava, eu não lembrava, mas agora saiu por acaso. Então, antigamente a identificação tinha: “Dr. Fulano de Tal, diretor de não sei o quê, marechal de não sei que lá”, e tem um relatório meu, deve estar arquivado ainda.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Eu o li, porque eu estava lendo a nova comissão para fazer os novos crachás.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Então, se você leu os relatórios, lá deve ter um ponto em que eu disse que o objetivo do crachá é dar regularidade ao trânsito do funcionário. Então, o segurança lhe viu com um crachá e já sabe que você tem uma circulação ali controlada. Não precisa saber se você é doutor, marechal, etc. Então, o que é que está escrito? Funcionário. Só isso. Não está chefe da seção não sei que lá.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Nós tentamos isso, mas veio pressão. Por exemplo, o Demeb queria ter o seu crachá. Nós não abrimos mão; a única coisa que deixamos foi a Segurança com a sua faixinha para saber que era da Segurança. O resto, todo o funcionário tem o mesmo crachá. Se é funcionário da Câmara, vamos colocar pelas cores. É um azulzinho. Se o cara é terceirizado, é um vermelho, um verde, não me lembro. Todos escritos: “funcionário”. O cara é plenário... tem uma cor diferente para o plenário, mas está escrito funcionário. Antes tinha o cargo. Tinha um problema grande, porque, por exemplo: um motorista

era nível superior, passou por um concurso, não queria que no seu crachá tivesse escrito motorista.

O SR. ERALDO SOARES DA PAIXÃO – Então, esse crachá modificou isso, esse problema de classe, ele botou todo mundo igual. O que interessa? Esse crachá é para informar ao segurança que você está circulando de maneira regular, não é para dizer que você é doutor ou marechal.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Foi quando surgiu esse aqui, que está até hoje, não é?

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Isso foi criado para a Câmara toda, nós diminuimos o número de crachás e igualamos tanto para os funcionários de gabinete, tanto para os terceirizados, todos com o mesmo material.